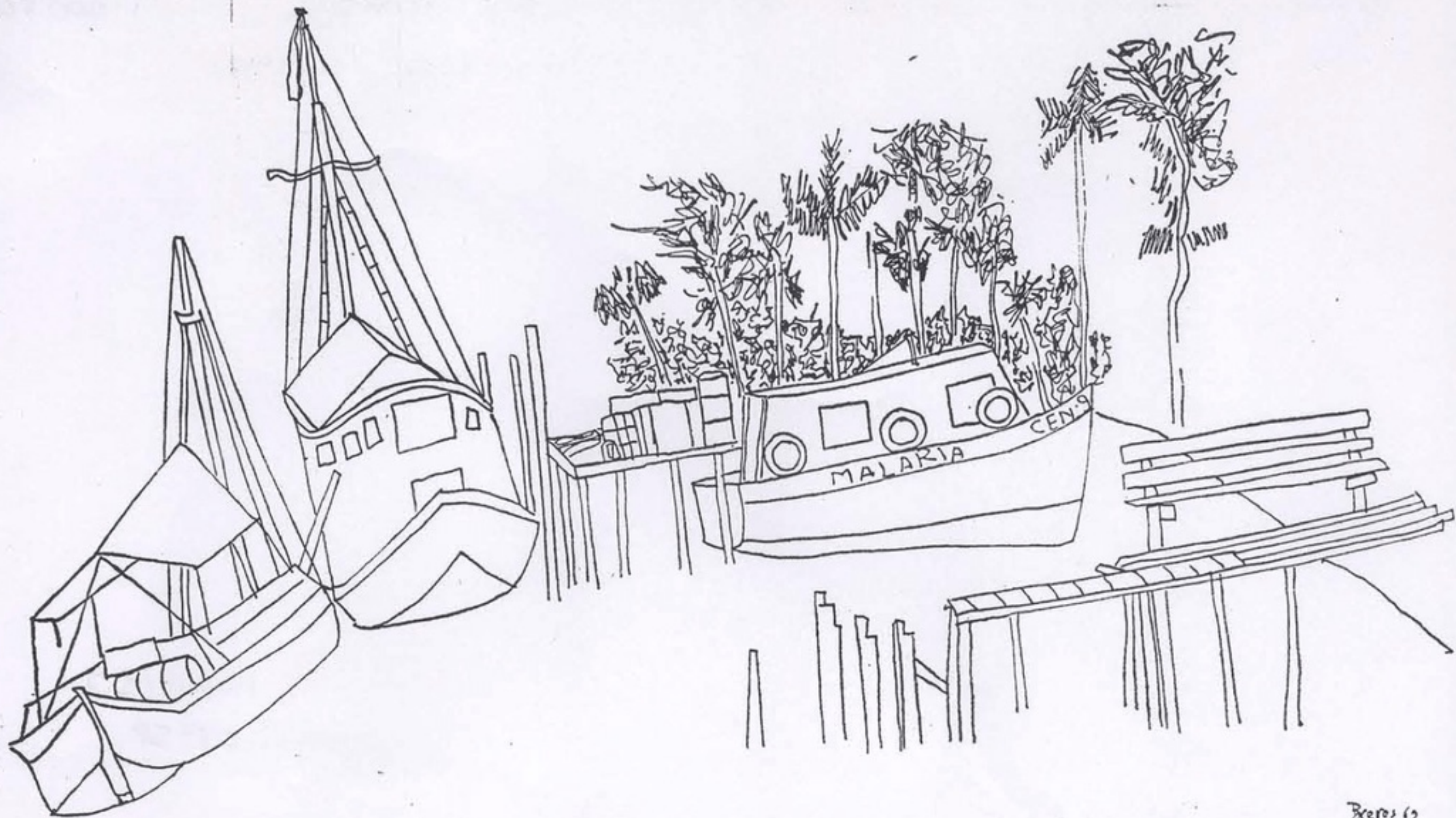


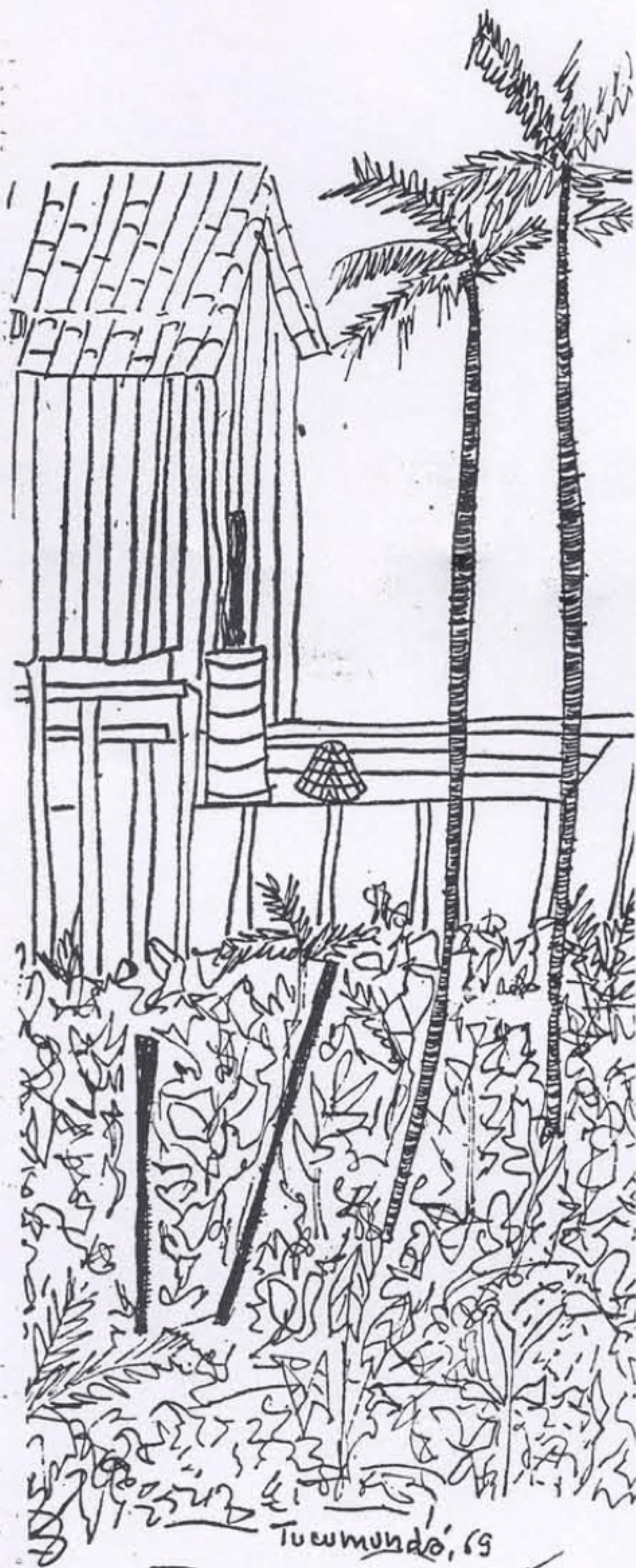
1969/57



Assim Pedroso D'Horta viu Breves, acanhado pôrto no Amazonas, onde a expedição conseguiu 399 lagartos

Breves, 69

*O minto da floresta amazônica*



É Tucumundá, pôrto de beira-rio

Qualquer bom rio do Estado de São Paulo dá mais peixe do que o Amazonas e seus afluentes da faixa Belém-Manaus. Nessa zona já não há caça abundante, a fauna e também a flora são pobres. A cada curva do rio há um morador, um pôrto, uma vida. Arnaldo Pedroso d'Horta, como nosso enviado especial, esteve lá e descreve o mito da grande floresta, após ter percorrido centenas de quilômetros do famoso rio: não viu nenhuma flor, nem um jacaré, até os mosquitos são poucos. Apenas 3 mandis foram pescados, durante toda a semana. Ele viajou com elementos da Expedição Permanente à Amazônia, do Museu de Zoologia da USP:

Quem ouve falar em Amazonia imagina desde logo florestas densas e emaranhadas, de uma flora muito rica, e habitada por fauna variada, abundante e feroz. A região é tão vasta, que não pode ser considerada como um todo; de acordo com um criterio de fisiocracia e de ocupação humana, poderiam ser consideradas pelo menos as seguintes zonas: Zona do Salgado, compreendendo a costa do Pará, Marajó e Amapá; os Campos de Marajó; a Zona da Estrada Belém-Brasília; o sul do Pará, incluindo o Tocantins, o Araguaia e parte da Belém-Brasília; a zona das Ilhas, entre o rio Pará e a foz do Amazonas; o Baixo Amazonas, na região compreendida de Manaus para baixo; o rio Negro; o rio Branco; o Solimões; o Acre; e o Amapá.

O trecho que, pelo caminho dos rios, conduz de Belém a Manaus, e entretanto, e surpreendentemente, de uma natureza muito pobre. As terras são baixas, e por isso mesmo constituem-se de charcos, ou são alagadas logo que as aguas sobem. A vegetação, sem chegar a ser tão raquítica como a que bordeja os rios que estão no sopé da Serra do Mar; em São Paulo, apresenta, entretanto, poucas arvores de porte, mantendo-se num meio termo que nada tem de impressionante, e que é dominado pelo mesmo tom de verde escuro, centenas de quilômetros seguidos, sem que se veja a nota dissonante de uma unica flor. A fauna é pauperrima, e pode-se navegar dias seguidos sem apanhar um unico peixe: na viagem de uma semana, de que participamos, não vimos senão três ridiculos mandis, tirados a muito custo; também a caça escasseia nesse trecho que vai de Belém a Breves, e a alimentação habitual dos expedicionarios é constituída de animais domesticos — galinhas, patos e porcos compra-

dos aos moradores de beira-rio. É raro que se ouça o canto de um passaro, são poucas as manchas de côr introduzidas no ambiente pelas borboletas, e nem mesmo insetos encontramos em profusão: salvo alguns bandos de vespas, qualquer rio de Atibaia ou Piracicaba apresenta maior quantidade e variedade de mosquitos que esse pedaço da Amazonia; e os jacarés primaram pela ausencia. A bordo dos barcos as redes têm a proteção de mosquiteiros, mas mesmo sem estes seria reduzida a intrusão de insetos noturnos; a intervalos a Expedição monta uma lampada de mercurio junto a um barranco de rio, mas a quantidade de mariposas, besouros e mosquitos assim atraídos é ainda bastante reduzida.

É também inesperado, para mais, o numero de moradores instalados nas margens dos rios, furos e igarapés. Dificilmente se passa mais de um ou dois quilômetros sem que deparemos com uma das tipicas casas da região, de madeira, sobre palafitas. A avenida que as liga é o rio, e somente quando o aglomerado de casas é maior abrem-se uma ou duas ruas para trás, para o lado da terra firme; normalmente todas as casas debruçam-se sobre a agua.

### A expedição

Não são somente os recursos financeiros que, a título de incentivo fiscal, são descontados do pagamento devido ao Imposto sobre a Renda, e encaminham-se desde o Sul do País para a região coberta pela SUDAM, visando ao desenvolvimento econômico da mesma. Desde 9 de fevereiro de 1967, também no terreno da pesquisa científica desinteressada São Paulo está dando uma importante contribuição para o conhecimento e o levantamento dos recursos do Pará e do

Amazonas, sob a forma de Expedição Permanente à Amazônia.

A EPA compõe-se de um batelão-laboratório, o "Garbe", de 18 metros de comprimento por 4,60 de largura, de 30 toneladas; de uma lancha-motor, o "Lindolfo R. Guimarães", de 10 metros de comprimento por 2,60 de largura, de 8 toneladas, com motor de 39 cavalos — que, subindo o rio, faz 7 km por hora, quando reboca o "Garbe" caminha normalmente a 10 km/h e, quando viaja sozinha, pode fazer 15 km por hora; e que rebocam, ambas, duas canoas, a "Piranha" e a "Pescada", cada uma com o seu motor de popa ou conduzida a remo — conjunto esse que dá, à Expedição, uma grande mobilidade, permitindo-lhe vencer tanto os grandes cursos de rio como enveredar pelos pequenos igarapés.

A EPA foi idealizada pelo Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, que até hoje conserva o seu controle, tendo o respectivo projeto sido adotado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo, FAPESP; o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA, deu cobertura inicialmente à proposta de coleta e estudo de peixes do Médio Amazonas e a Expedição conta ainda com o apoio permanente do Museu Goeldi, de Belém; ambiciona constituir uma presença da ciência brasileira na Amazônia, facilitando pesquisas em profundidade e interdisciplinares, a um preço que permita a todos o acesso a essa região.

Qual é esse preço? Seu cálculo exato é difícil, pois a Expedição conta com o apoio administrativo do Museu de Zoologia da USP e do Museu Goeldi de Belém, que não são contabilizados a esse título. Mas em grosso pode-se estimar que a EPA custa atualmente 60 mil cruzeiros novos por ano, inclusive pagamento da tripulação dos barcos, material de coleta, combustível e mantimentos, o que é uma ninharia em face das possibilidades que ela abre às pesquisas científicas dos mais variados ramos; desse total, a FAPESP entra com cerca de 75%. Ao preço de 1966, quando foram encomendados, os barcos da EPA custaram cerca de 50 mil cruzeiros novos e até hoje já andaram cerca de 15.000 km.

Até agora, ou seja, em dois anos e meio de existência, a Expedição Permanente à Amazônia já empreendeu 16 viagens de pesquisa em trechos navegáveis compreendidos entre Belém e Manaus, pelos inumeráveis cursos de água que recortam aquela região, fazendo levantamentos da fauna, da flora e etnográficos. Seu comando é passado sucessivamente a equipes de cientistas que se revezam na utilização dos barcos e que até agora foram os seguintes: Paulo Emilio Vanzolini, 5 viagens; Heraldo Antonio Britski, 3 viagens; Hans Reichardt, 3 viagens; Gertrud Rita Kloss, 2 viagens; Nelson Papavero, 1 viagem; Eduardo Galvão e Roger Arlé, 2 viagens. Além dos chefes, as expedições levam vários outros participantes ou convidados, nacionais e estrangeiros, algumas vezes estudantes, inclusive jornalistas e fotógrafos.

### As pesquisas

Instalada como se acha em Belém a base móvel representada pelos barcos da EPA, a ampliação dos serviços de pesquisa está na dependência apenas de que surja um maior número de cientistas interessados em aproveitar as possibilidades que lhes são oferecidas. A expedição acha-se praticamente aberta a pedidos de interessados das várias especialidades, que queiram participar das viagens que se realizam regularmente durante todo o ano. Os barcos são servidos por uma excelente tripulação, absolutamente identificada com as finalidades da empresa, e possuem o conforto básico imprescindível: instalações sanitárias, chuveiro, muito, boa cozinha, geladeira, água filtrada e aparelhagem para a coleta de animais.

Entretanto, da parte de cientistas do Rio e de outros centros nacionais parece haver um certo receio de dificuldade de adaptação às condições locais, o que faz com que a Expedição Permanente ainda não esteja dando todo o rendimento que é capaz de dar;

ou talvez a pequena divulgação de suas atividades, fazendo com que ela seja até hoje pouco conhecida, não lhe tem proporcionado o afluxo de cientistas que era de se desejar.

As primeiras incursões realizadas pela EPA tiveram um caráter bastante exploratório, procurando-se, mais ou menos à apalpadela, ir conhecendo o terreno e fixando pontos para posterior verificação em profundidade. Assim é que os trabalhos dos ictiólogos, que no começo eram assinalados pelo desalento em face das escassas coletas conseguidas, deram, afinal, quando foram encontrados trechos especialmente ricos em peixes, uma tal profusão de amostras, que agora os cientistas estão praticamente afogados com o mostruário arrecadado, e que deve ser devidamente individuado, estudado, catalogado.

### Descoberta

Exemplo de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida em continuidade pela EPA é a que a equipe do professor Paulo Vanzolini, da Faculdade de Filosofia da USP, está realizando em relação aos lagartos.

Conferindo a coleção desses animais mais existente no Museu de Zoologia, verificaram esses estudiosos que os animais recolhidos em varios lugares eram, todos eles fêmeas. Resolveram então marcar esse bicho no rio Trombetas entre Belém e Oriximiná, e constataram que só havia machos em Santarém e Alter do Chão, no Tapajós.

A importância dessa constatação está em que, em todo o mundo, há 7 ou 8 espécies de lagartos que somente produzem fêmeas, mas são todas elas híbridas; ao passo que os bichinhos recolhidos no Trombetas, segundo tudo indica, não podem ser híbridos. Comprovou-se, ademais, que se está em meio a um processo de passagem de uma população bissexuada para outra unissexuada, e assim é que em Óbidos, onde em 1965 ainda eram encontrados lagartos machos, em 1968 somente foram encontradas fêmeas. Isso significa que foi identificado um fenômeno evolutivo em processo rápido de desenvolvimento, dando origem a um mecanismo genético provavelmente novo. Esse é o fato que no momento está sendo verificado pelos técnicos do Museu de Zoologia e os geneticistas do Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, ambos da USP.

As populações dos rios percorridos pela EPA já conhecem os seus navios e a atividade especial a que se dedicam, e da qual participam, às vezes com ela auferindo uma nova fonte de renda. Assim é que a garotada de Breves apanhou para os cientistas, em um só dia, 399 lagartos de 4 espécies diferentes, pagos ao preço de 20 centavos novos cada um; na localidade denominada Fábrica a expedição comprou outros 118 lagartos, de 2 espécies diferentes, ao mesmo preço básico, assim como 34 sapos, a 2 centavos novos cada um, e uma coral, paga a 1 cruzeiro novo. Como se vê, o sapo anda muito desprestigiado.

# Ilha de Marajó

Arnaldo Pedroso d'Horta

O rio foi transposto e normalmente deveria começar a terra. Mas, ao invés de terra, à água segue-se a umidade.

A água é compacta. Vista aqui do alto, dá mesmo uma impressão de solidez. Brancos riscos das correntezas procuram delimitá-la, colocando-a na escala de nossos olhos. Pois a massa despropositada do rio de cem quilômetros de foz é inapreensível em seu conjunto, mesmo vista do avião, que nos permite abarcar em redondo todos os horizontes.

Agora o rio terminou, mas o que se segue não é terra.

É como se fôssem indecisas praias, que surgem para logo imergir de novo. Como se a água, elemento estático, fôsse permanente, e os afloramentos de terra ondeassem, espumantes. A água é, ali, o continente, e nela bóiam estrias esbranquiçadas.

É como um bolor nascido na água. Um fôfo tapete todo encharcado, que mal se mostrou e de novo se afunda, e que outra vez reponta porejando água. A terra não consegue erigir-se em barreira, e isso continua por tanto tempo que ficamos duvidando se realmente estamos vendo o que vemos, ou se será apenas um embaçado no vidro da janela, que torna assim turvo o panorama inferior.

É um mófo que ora se funde ao colorido da água que voltou, ora dêle se destaca em tufo de verde ou manchas terrosas, de modo que a água está sobre a terra, e a terra é visível sob a água, e terra e água estão confundidas, como se aqui não vigorassem as ordens dadas no terceiro dia da Criação.

O rio terminou, e o que ao rio se segue é uma extensão empapada deitada sobre a água. Sente-se nas narinas a umidade da vegetação que reponta entre os empoçamentos irregulares, que se expandem para todos os lados. São poças grandes e pequenas, maiores e muito maiores, salpicadas de pastagens, perfuradas de arvoredos intermitentes.

Não é terra seca. Nada, ali, é enxuto. Trata-se de um manto musguento, que em alguns trechos se adensa, depois torna-se absolutamente ralo, vasta colcha de raros fios de capim banhando-se, quase sobrenadando. Qual imenso arrozal.

Modestas ilhotas verdes, refugiadas sobre estreitos tapetes terrosos. Como se comunicará, ali, a terra com a terra? Pois são milhares de ilhas dentro da suposta ilha, inumerável arquipélago boiando solidário, unido pela água. Haverá sem dúvida uma lógica naquele lençol transparente, como vidrado, rabiscado de canaletas de água, que vão sempre abrir-se em lagoas.

Há certamente uma continuidade, dada pelo próprio descontínuo da terra que jamais se firma, que a cada momento está para ser submergida e ir a pique. Nem se compreende como, rasa, plana, lisa, sem uma elevação que se destaque, posta mesmo na superfície da água, não seja aquela estranha extensão engolida pelo rio, e ainda sobreviva, respeitada.

Água e terra, água e água, água e terra e água — como se fôssem canteiros ordenados no mesmo plano da superfície sólida e líquida — e os verdes, os amarelos, os terras, dão-nos, por vezes, a impressão de tabuleiros de uma chácara cultivada, com seus espaços bem marcados.

Agora formam-se no chão bôlhas esbranquiçadas, formas que parecem brotar à flor da areia aquosa. Uma delas, de repente, põe-se a escorregar tão rapidamente que só pode, na verdade, estar voando. Será um pássaro. Mas as demais manchas brancas permanecem de tal modo imóveis, e por tanto tempo, que não podem ser, por igual, outras aves. Elas se multiplicam, em grupos, sempre que o chão ganha um pouco mais de extensão. Agora deduzimos, mais do que vemos: é o gado, o selvagem e o das fazendas, que começa a aparecer. O solo vai-se salpicando de borrifos de branco, e são dezenas, e são centenas, e são muitos milhares em rebanhos disseminados.

Com os primeiros sinais de vida, também o homem brota do chão. Cercados e cabanas, um curral, casinhola perdida, numa beira de rio, grupos de casebres aconchegados uns aos outros. E há aqueles que, para melhor se identificarem com o ambiente, deixam o parco chão de terra e vão construir suas palafitas no centro de lagoas.

Estradinhas caprichosas formigam em diversas direções, cortadas ou acompanhadas, em alguns pontos, por rios subterrâneos que fazem inchar o solo, como grossas veias intumescidas. Sabemos que são rios porque a vegetação que marca seu traçado é explosiva de água, mas na verdade não os vemos entreligando os alagados; apenas sentimos que continuam a correr por baixo da escassa capa de terra.

Cinza, verde e água. A poucos quilômetros das fronteiras das Guianas, este é o reino das águas. Verde, cinza e água. Por baixo, por cima, dos lados: sempre é água. Boiamos equilibrando-nos na terra avare, balançamo-nos com as leves vagas que o vento empurra, dentro em pouco iremos liquefazer-nos. Água, verde e cinza.

E então, como não poderia deixar de ser, começa a chover.